

1922-2022

Sarama**100**



quem se chama
quien se llama

José Saramago

direção
dirección **Cristina D. Silveira**

es una coproducción de:

JUNTA DE EXTREMADURA
Consejería de Cultura, Turismo y Deportes

estrutura financiada por



apoio



QUEM SE CHAMA JOSÉ SARAMAGO

coprodução Teatro das Beiras e Karlik danza-teatro

com direção de Cristina D. Silveira

Intérpretes: Jorge Barrantes, Sílvia Morais, Elena Rocha e Tiago Moreira

Músicos: Alberto Moreno e Nuno Cirilo

Dramaturgia: Rui Díaz Correia e Cristina D. Silveira

Assistentes de direção: Ana García e Fernando Sena

Espaço sonoro: Álvaro Rodríguez Barroso

Vídeo de cena e ilustração: Alex Carot

Desenho de luz e direção técnica: David Pérez

Técnico de luz: Hâmbar de Sousa

Direção de Produção: David Pérez Hernando

Assistente de produção: Celina Gonçalves

Espaço de criação: La Nave del Duende

Vídeo promocional e fotografias: Ovelha Eléctrica



duração: 70 minutos | classificação etária: maiores 14 anos

110ª PRODUÇÃO DO TEATRO DAS BEIRAS

estreia em Espanha - 1 de outubro de 2021, em La Nave del Duende

estreia em Portugal - 5 de outubro de 2021, no Auditório do Teatro das Beiras

Apoios:

1922-2022
Saramago

CÂMARA MUNICIPAL
CASTELO
BRANCO

Teatro das Beiras

O **Teatro das Beiras** foi criado em 1974 na Covilhã e é companhia profissional desde 1994. Produziu 110 criações, tendo realizado mais de 3.000 apresentações. O Teatro das Beiras, apesar de ser um projeto de descentralização teatral para a Beira Interior, mostra as suas produções em todo o país, tendo realizado representações em cerca de 140 concelhos e participado em muitos dos Festivais de Teatro Portugueses. Realizou coproduções com o Teatro Nacional D. Maria II, CENDREV, ACERT, Teatro do Montemuro, Quarta Parede e com o Karlik danza teatro. Organiza desde 1980 o Festival de Teatro da Covilhã. No plano internacional, para além de deslocações a Espanha e França, desde 2015 que participa no Circuito Ibérico de Artes Cénicas, do qual é membro fundador.



O **Karlik danza teatro** nasceu em Cáceres, em 1991, com o objetivo de encontrar uma linguagem cénica própria. Este ano, completam-se 30 anos da companhia, tendo no seu trajeto profissional mais de 2.000 apresentações, para mais de 80.000 espetadores em 32 países, centenas de críticas favoráveis e mais de 21 prémios nacionais e internacionais. Desde a sua fundação, sob a direção artística de Cristina D. Silveira e direção técnica de David Pérez Hernando, produziu 34 espetáculos que foram apresentados em festivais de renome, como o Festival Iberoamericano de Bogotá, o Festival de Mérida, o Festival de Belo Horizonte, o Festival de Seul, entre outros.



© Ovelha Eléctrica

Cristina D. Silveira

Diretora artística da companhia Karlik danza teatro desde a sua fundação em 1991, do Centro de Gestión de Recursos Escénicos - La Nave del Duende desde a sua criação em 2007 e do Laboratorio de Investigación en Artes Escénicas La puerta Abierta.

Encenadora, coreógrafa, bailarina e pedagoga da dança, Cristina D. Silveira realiza uma pesquisa sobre a linguagem cénica onde distintas técnicas cénicas, como a dança, a acrobacia, a voz, o gesto, o movimento, convergem numa linha emocional que configura a estrutura dramática da criação artística.

Licenciada em Dirección Escénica y Dramaturgia pela ESAD da Extremadura.

Licenciada em Direito pela UNEX.

Grau Superior em Dança pela R.A.D. (Royal Academy of Dancing).

Formada na Escuela de Arte Dramático y Danza de Sevilla e em Danças Educativas pela R.A.D.

Nos seus 29 anos como profissional das artes cénicas, fez mais de 2.000 apresentações, dirigiu e coreografou mais de 35 obras que foram apresentadas em 32 países, com as quais obteve inúmeros prémios nacionais e internacionais.



© Ovelha Eléctrica

Quem se chama José Saramago é uma meditação sobre o erro, uma visão sossegada do universo do escritor português em que se confrontam as diferentes fases da sua vida com os livros que as prepararam ou que foram sua consequência; uma vida e uma obra que acabaram por merecer-se; um labirinto em cujo centro reside a ascensão humana contínua de um homem que viveu desassossegado e escreveu para desassossegar.

Cristina D. Silveira

Nunca vou esquecer aquele homem alto, esguio, de cabelos brancos, armado de palavras, o ouro seu e nosso cavado fundo na biografia dos personagens que a vida iluminou como coisa essencial. Esse homem era José Saramago e falava a uma assembleia de planetária criação fazendo da nossa pátria idiomática o centro do mundo. Ali estava ele, face à Academia sueca e à atribuição do Nobel da literatura; não era apenas um homem, mas um país ou um mundo, ou aquela parte dele que respira a fraternidade como elemento primordial da humanidade. Falando de si e das suas circunstâncias, mergulhava no fenómeno da escrita: o sol e a água dessa arte, o pão da literatura colhido no tempo único da infância, a substância dos dias onde construiu sua temporalidade. A biografia através da sua obra, verdade válida para poetas como Pessoa (Octávio Paz) ou romancistas como Saramago. «Em certo sentido - disse ele então - poder-se-á mesmo dizer que, letra a letra, palavra a palavra, página a página, livro a livro, tenho vindo, sucessivamente, a implantar no homem que fui as personagens que criei.»

Os seus livros são assim tempo, com a história dentro, feito de muitos tempos, parábolas sobre a vida e os seus dramas, denúncia da intolerância ou da exploração, sempre um canto à liberdade e à esperança, quando o homem tem a rebeldia de dizer não e levantar a cabeça, poesia sobre o fascinante desafio de viver. Outra vez, Saramago na sua fala universal: «Usamos perversamente a razão quando humilhamos a vida, que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais, que o homem deixou de respeitar-se a si mesmo quando perdeu o respeito que devia ao seu semelhante».

De certa forma é a essa reflexão que *Quem se chama José Saramago* nos convoca, chamando ao palco do teatro personagens e obras do autor de *Memorial do Convento*, na excelente co-produção do Teatro das Beiras e do Karlik danza teatro, de Cáceres. Parece que estou a ver e ouvir, de novo, o homem alto, de cabelos brancos, armado de suas palavras para inquietar o mundo. «As palavras, quando usadas, servem-nos de mãos, mão de mil dedos invisíveis» lembrou um dia Óscar Lopes. Mil dedos invisíveis, barro que lançamos no tempo, para renascermos, em busca de um mundo melhor. É isso que aprendemos quando lemos José Saramago ou para sabermos quem ele foi, como nos propõe este espectáculo.

Fernando Paulouro Neves

Covilhã, 28/09/2021